



AUTOMEDICAÇÃO PRATICADA POR ACADÊMICOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GURUPI, TOCANTINS.

MORAES, Dayanna Carvalho¹
SILVA JUNIOR, Gilberto Dorreia²
SOARES, Marília Pantoja³
COLLIER, Karin Ferretto Santos⁴

RESUMO

Objetivo: Investigar a automedicação entre os acadêmicos de enfermagem do Centro Universitário UnirG e verificar as causas da automedicação. **Metodologia:** Foram aplicados questionários nos 8 períodos e selecionada uma amostra de 144 voluntários sendo 18 de cada período. **Resultados:** A maioria dos entrevistados eram mulheres entre 15 e 25 anos que se consideravam saudáveis. Contudo, 88,89% se automedicavam, principalmente com analgésicos (31,60%) e 54,86% disseram ser capazes de se automedicar. A segurança em se automedicar não se reflete nos conhecimentos sobre os efeitos adversos, 75%

¹ Enfermeira acadêmica do curso de Medicina do Centro Universitário UnirG;

² Enfermeiro, Especialista em Gestão em Saúde Pública;

³ Professora Especialista do curso de Enfermagem do Centro Universitário UnirG;

⁴ Professora Doutora do curso de medicina do Centro Universitário UnirG. E mail para correspondência: karincollier@gmail.com

reconheceram que conhecem pouco sobre o assunto. A justificativa para a automedicação estava centrada na demora do atendimento médico (45,14%) e na confiança nos atendentes das farmácias (35,42%). **Conclusão:** Os dados expressos na pesquisa suscitam uma reflexão sobre o futuro, quando formados com o conhecimento adquirido na universidade e o acesso mais fácil aos medicamentos no ambiente de trabalho, se estes profissionais realizarão autodiagnóstico e automedicação.

Palavras-chave: Automedicação, acadêmicos, enfermagem.

SELF MEDICATION BEHAVIOR IN UNIVERSITY STUDENTS NURSING COURSE AT UNIRG UNIVERSITY, GURUPI-TOCANTINS.

ABSTRACT

Objective: To evaluate self medication behavior among university students Nursing Course at UNIRG University Center and to assess the causes of self medication. Methods: 18 volunteers were selected in each semester to respond to a questionnaire about self medication. 144 volunteers from all semesters responded to the survey. **Results:** Most students interviewed were females ranging in age between 15 and 25 years old who reported to be in good health. However, 88.89% of the students reported that they medicated themselves, mostly using analgesics (31.60%), and (54.86%) reported that they were capable of self medicating (demonstrating sufficient knowledge about it). However, self confidence in self medicating was not validated by their knowledge about side effects of the medication they used as 75% of the students acknowledged that their knowledge about medication was scarce. The reason to self-medicate was centered around the delay in being attended and treated by doctors and medical centers (45.14%) and also in the fact that they relied on the medication being provided in the drug stores (35.42%). **Conclusion:** Data from this investigation indicate that there is great likelihood that once these students graduate from the University they will probably be inclined to diagnose their diseases or disorders and also to self medicate.

Key Words: Self Medication, University Students, Nursing.

INTRODUÇÃO

A automedicação é um procedimento caracterizado pela iniciativa de um doente, ou do seu responsável, em utilizar um produto que acredita lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas (PAULO; ZANINE, 1988). Esta prática atinge níveis preocupantes na saúde pública brasileira e mundial, pois o uso indiscriminado de medicamentos sem prescrição médica e sem o conhecimento prévio da patologia pode mascarar ou agravar o quadro clínico, promover a resistência de microrganismos, além de vários efeitos adversos, podendo ocasionar a morte por intoxicação e anafilaxia (ARRAIS et al., 2005). A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que a intoxicação seja uma das grandes causas de internações em hospitais no Brasil e Oliveira e Souza (2007)

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UNIRG em Gurupi – TO (PROCESSO Nº 0087/2009).

apontam como a terceira maior causa de internações hospitalares.

Sendo a automedicação um ato comum entre os brasileiros, surge a questão norteadora desta pesquisa: “como ocorre o consumo de medicamentos entre acadêmicos de enfermagem”? Justifica-se pelo fato dos acadêmicos da área da saúde deter conhecimentos sobre farmacologia e, portanto supõe-se que tenham mais confiança para consumir medicamentos sem prescrição médica. Contudo, esses futuros profissionais precisam ter uma conduta adequada, pois devem servir como modelo para seus pacientes (KERR-CORRÊA et al., 1999).

Diante desta problemática, objetivou-se com esta pesquisa investigar a automedicação entre os acadêmicos de enfermagem e verificar as causas da automedicação.

Foram estudados acadêmicos do curso de Enfermagem do 1º período ao 8º período nos meses de setembro e outubro de 2009, do Centro Universitário UnirG.

Os acadêmicos foram abordados na sala de aula e após a assinatura do Termo de autorização do professor responsável pela aula, foram sorteados entre os alunos presentes aleatoriamente 18 questionários aplicados em cada período, representando 30% de cada período, totalizando 144 acadêmicos sorteados de modo randômico. Os acadêmicos

sorteados assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Os questionários continham 13 questões (12 objetivas e uma subjetiva) sobre a automedicação e os efeitos adversos dos medicamentos.

Os dados foram analisados descritivamente através de tabelas e gráficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados analisados referem-se ao questionário aplicado nos 8 (oito)

períodos do curso de enfermagem do Centro Universitário UnirG (TABELA 1).

Pergunta	Sim	Não
Você consome algum tipo de medicamento sem receita médica?	88,89%	11,11 %
Você se acha capaz de se automedicação?	54,86%	45,14%
Você conhece os efeitos adversos dos medicamentos?	75,00%	25,00%
Você costuma indicar medicamentos para outras pessoas?	38,89%	61,11%
Você já tomou medicamentos indicados por outras pessoas?	65,97%	34,03%
Ao usar um medicamento, você tem costume de ler a bula para se orientar?	85,42%	14,58%
Você já comprou algum tipo de medicamento sem receita médica?	95,83%	4,17%

Dentre os 144 entrevistados, 117 eram mulheres (80,25%) e 27 homens (18,75%). Do grupo amostrado 78,42% tinha entre 15 e 25

anos, seguido de 18,05% entre 26 e 35 anos e acima dos 36 anos de idade, 3,53 % (FIGURA 1).

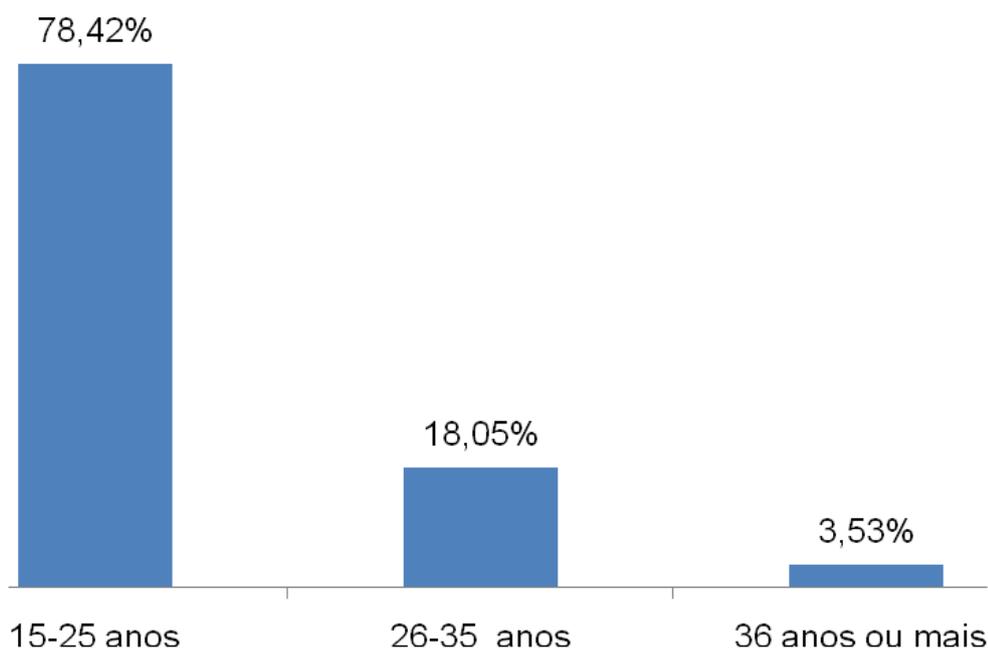


TABELA 1. Distribuição percentual das repostas binomiais ao questionário sobre automedicação dos alunos de enfermagem do Centro Universitario UnirG (n=144)

Quando questionados se eram saudáveis, 34,72 % disseram ter uma saúde excelente, 52,08 % declararam ter uma saúde boa, 12,5 % pensavam ter uma saúde regular e apenas 01(um) acadêmico (0,7 %) disse ter uma saúde ruim.

Esta investigação teve como foco a questão binomial (sim/não) sobre o “*consumo de medicamento sem receita médica*” e, dentre os entrevistados, 88,89% declararam fazer uso da automedicação e 11,11 % disseram não cometer essa prática. O percentual de acadêmicos que se automedica (88,89%) é condizente

com os dados da Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas que apontam que cerca de 80 milhões de pessoas realizam a automedicação, pois muitos pacientes correlacionam saúde ao uso de medicamento (FEBRAFARMA, 2008). As informações obtidas nesta pesquisa também são condizentes com aquelas obtidas por Arrais et al. (2005) que observou que a automedicação ela é praticada principalmente por mulheres, entre 16 e 45 anos e que entre os homens, essa prática é mais frequente nas idades extremas.

Logo abaixo da questão objetiva sobre a automedicação foi apresentada uma questão aberta sobre “Qual ou quais os medicamentos que você costuma consumir sem receita médica?” Essa questão foi a única de caráter subjetivo, podendo ao entrevistado colocar todos os tipos de medicamentos que consome sem o uso de receita médica. Foram citados nos questionários 424 medicamentos, o maior grupo foi o dos analgésicos (citados 134 vezes/31,60%), em segundo lugar vieram os antitérmicos, que em alguns casos tem o efeito

combinado com os analgésicos, somaram 111 citações (26,18%) e os anti-inflamatórios foram citados por 43 pessoas (10,15%). Dos outros grupos de medicamentos os antibióticos foram citados 34 vezes (8,02%), anti-histaminicos 14 vezes (3,3%), antigripais 13 vezes (3,06%) e ainda foram citados medicamentos como antieméticos, antiespasmódicos, anticoncepcionais, tranqüilizantes, antidepressivos, remédios para emagrecer, expectorantes, remédios naturais, entre outros (FIGURA 2).

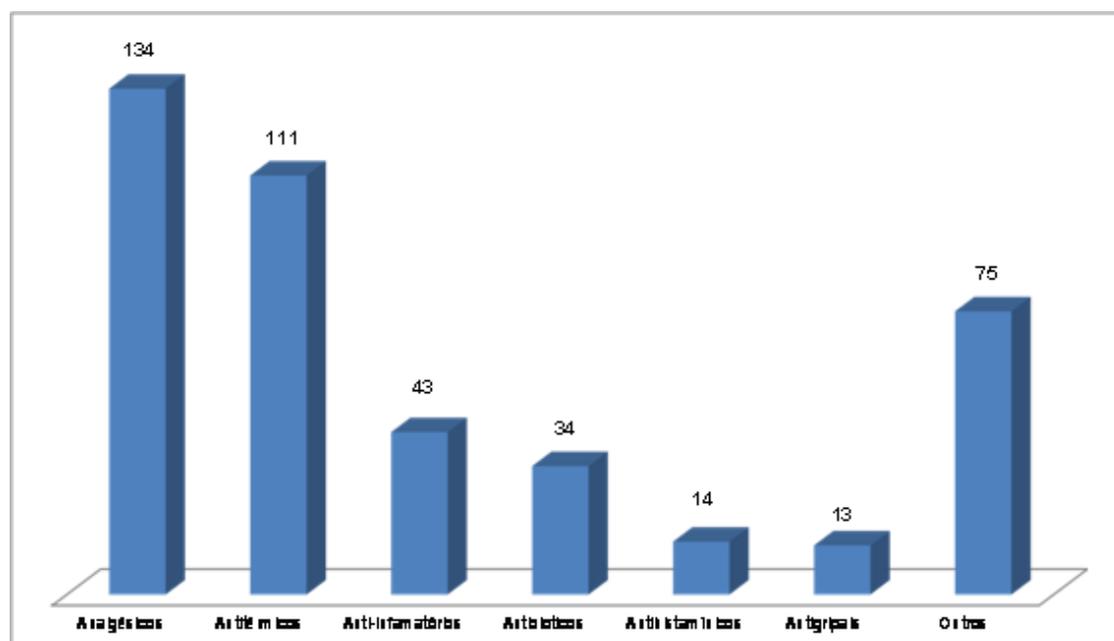


FIGURA 2. Distribuição dos medicamentos que os acadêmicos de enfermagem declaram consumir sem receita médica (n = 144).

Os resultados corroboram com outros estudos realizados nessa área que apontam os analgésicos e

antitérmicos como os medicamentos mais consumidos (CARLINE; MASUR, 1986; PAULO; ZANINE, 1988;

MUSSOLIN, 2004; ARRAIS et al., 2005; OLIVEIRA; SOUSA, 2007; PINTO et al., 2008; LOYOLA FILHO et al., 2009; RIBEIRO et al., 2010).

Como se tratava de uma pergunta aberta, alguns acadêmicos esclareceram que para eles os analgésicos e antitérmicos seriam “medicamentos básicos” demonstrando a falta de conhecimento sobre o tema, uma vez que qualquer substância ingerida com fins terapêuticos sem a orientação médica é um ato de automedicação.

Contudo, alguns dados são ainda mais preocupantes, pois 34 entrevistados declararam usar antibióticos (tarja-vermelha) e dois assumiram usar o antidepressivo Fluoxetina (tarja-preta). Os medicamentos que possuem tarja vermelha e tarja preta são receitados através de procedimentos específicos. O grupo dos antibióticos, anti-inflamatórios e ansiolíticos, são os que trazem maiores riscos aos pacientes, sejam por suas reações adversas ou por suas consequências se tomados em doses erradas (PINTO et al., 2008; RIBEIRO et al., 2010).

Os antibióticos apresentam como risco a resistência e são os responsáveis pela maioria das

intoxicações por medicamentos no Brasil. Apesar serem vendidos com receita médica, ainda existe a grande facilidade da obtenção desses medicamentos sem receitas, e algumas vezes, o paciente usa o medicamento que sobrou de algum tratamento anteriormente feito por ele, ou alguém da família (CONCEIÇÃO; MORAES, 2012). Os anti-inflamatórios são representados pelos glicocorticoides e pelos agentes não esteroides. O Ácido Acetilsalicílico, conhecido como Aspirina é um anti-inflamatório não esteroide (AINES) e se encontra entre os medicamentos mais utilizados no mundo (BATLOUNI, 2010). Outra classe medicamentosa que devemos ressaltar são os ansiolíticos cujo uso terapêutico consiste na redução da agressividade e da ansiedade (como distúrbios da ansiedade generalizada, síndrome do pânico, fobias, distúrbios do estresse pós-traumáticos), sedação, indução do sono, relaxamento muscular, redução da coordenação motora, efeito anticonvulsivante e a amnésia anterógrada. (DAMASCENO et al., 2007; PAREDES; MIASSO, TIRAPELLI, 2008; CASTRO et al., 2013).

Sobre a “*capacidade de se automedicar*”, 54,86% disseram ser

capazes de fazê-lo e 45,14% disseram não ser capazes dessa prática. Por outro lado, quando questionados “se conheciam os efeitos adversos dos medicamentos”, 75% reconhecem que conhecem pouco os efeitos adversos da medicação e 25% dizem saber muito sobre a ação de cada fármaco. A presunção do conhecimento parece ser corrente entre acadêmicos da área da saúde, como também foi observado por Mussolin (2004); Galato et al. (2009) ; Aquino, Barros e Silva (2010) e Souza et al. (2011).

Além da automedicação foi perguntado “*Você costuma indicar medicamentos para outras pessoas?*” Dos entrevistados 38,89% disseram já ter indicado e 61,11% disseram nunca ter indicado um medicamento a terceiros. Fato que merece nota é que todos os entrevistados que disseram indicar medicamentos também acreditam ter capacidade para se automedicar. Há de se observar que apesar de 75% dos entrevistados terem admitido não ter conhecimentos profundos sobre os efeitos colaterais dos medicamentos, eles se julgam capazes de se automedicar e de indicar medicamentos para as outras pessoas.

Fato se estende a questão “*Você já tomou medicamentos indicados por*

outras pessoas? Diante desta questão 65,97% dos entrevistados disseram consumir medicamentos indicados por outras pessoas, e 34,03% disseram não.

A confiança para a automedicação e seguida do cuidado ao ler a bula, pois 85,42% das pessoas declarou “*ler a bula*” para se orientar quanto aos medicamentos e apenas 14,58% disseram não ler a bula. Esta informação é importante pois é obrigatório que as embalagens dos remédios venham da bula informações sobre a farmacodinâmica e a farmacocinética dos medicamentos. Contudo, a bula fornece apenas as informações básicas, não descartando o risco de interações medicamentosas, potencializando ou reduzindo o efeito de algum medicamento.

Dentre os entrevistados 95,83% disseram já ter comprado remédios sem receita médica e 4,17% disseram nunca ter comprado remédios sem a orientação médica. O acesso fácil aos medicamentos foi observado também por outros autores, que discutiram sobre as dificuldades que os órgãos competentes enfrentam para retirar os medicamentos do alcance da população, colocando-os do lado de dentro dos balcões da farmácia

(GALATO et al., 2009; PINTO; FERRE; PINHEIRO, 2012).

Enfim questionou-se “*Por que usa medicamentos sem prescrição médica?*” E nesta questão foram indicadas três alternativas para escolha, sendo elas: a demora do atendimento, a segurança em se automediar e a confiança na indicação do farmacêutico. A maior parte das ocorrências era pela demora do atendimento médico (45,14%) dos entrevistados, seguida pela segurança (35,42%), 11,8% confiavam nos atendentes das farmácias, representando e 7,64% preferiram não opinar sobre essa questão (FIGURA 3). A dificuldade no atendimento médico é um fato reportado por outros autores

como Aquino, Barros e Silva (2007), Galato et al. (2009) e Souza et al. (2011). É notória a precariedade e a demora dos serviços de saúde especialmente da rede pública de saúde, bem como muitas vezes as pessoas não veem a necessidade de se consultar por causa de uma “simples” febre, dor de cabeça ou dor muscular e cólicas menstruais, justificando assim a prática da automedicação, e também dizendo ser desnecessário, pois o medicamento que será receitado é o mesmo que ele toma sem orientação (PINTO et al., 2008; GALATO et al., 2009; LOYOLA FILHO et al., 2009; RIBEIRO et al., 2010).

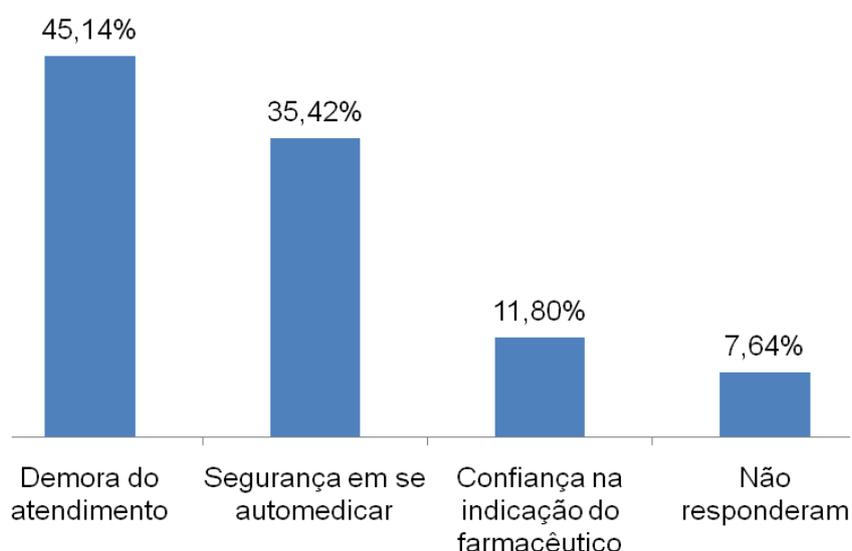


FIGURA 3. Distribuição percentual dos motivos que levam os acadêmicos de enfermagem a se automediar (n = 144).

Contudo, ao analisar a facilidade com que as pessoas têm acesso a esses medicamentos os resultados mostram uma deficiência dos órgãos de fiscalização competentes. É agravante esse resultado pelo fato já explicitado acima de alguns medicamentos mascararem

doenças, atrapalharem os resultados de exames, e ainda fornecer um diagnóstico impreciso, uma vez que a pessoa poderá chegar a procurar orientação médica uma vez que esses sintomas não passem, ou se intensifiquem (PINTO et al., 2012).

CONCLUSÃO

Os dados aqui apresentados permitem concluir que a maioria dos acadêmicos de enfermagem do Centro Universitário UnirG se automedicam principalmente pela dificuldade de acesso à consulta médica e pela facilidade de acesso aos medicamentos nas farmácias.

Estes resultados incitam uma reflexão sobre o fato dos profissionais da enfermagem ser suscetíveis à manifestação ou instalação de doenças físicas ou psíquicas em decorrência do trabalho desgastante e

do ambiente insalubre. Quando a maioria dos acadêmicos já relata a prática da automedicação questiona-se o que acontecerá quando estiverem sujeitos ao ambiente profissional. Com o conhecimento adquirido na universidade e o acesso mais fácil aos medicamentos no ambiente de trabalho, possivelmente realizarão autodiagnóstico e automedicação, o que pode ser entendido como descuido com si partindo daqueles que juraram “cuidar do semelhante”.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, D.S.; BARROS, J.A.C.; SILVA, M.D.P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.15, n.5, p. 2533-2538, 2010.
- ARRAIS, P. S. D . et al. Perfil da Automedicação no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, v. 31. p. 71-79, 2005.

BATLOUNI, M. Anti-inflamatórios não esteroides: Efeitos cardiovasculares, cerebrovasculares e renais. *Arquivo Brasileiro de Cardiologia* [online], v.94, n.4, p. 556-563, 2010.

CARLINE, E. A. & MASUR, J. Venda de medicamentos sem receita nas farmácias de São Paulo. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v.32, p.75-78, 1986.

CASTRO, G.L.G. et al. Uso de Benzodiazepínicos como automedicação: consequências do uso abusivo, dependência, farmacovigilância e farmacoepidemiologia. *R Interd*, v.6, n.1, p.112-123, jan.fev.mar. 2013.

CONCEIÇÃO, S.; MORAIS, D.C.M. Automedicação com antibióticos em estabelecimento farmacêutico do município de Mogi Mirim, SP, Brasil. *FOCO*, ano 3, n. 3, p. 23-33, jan/jun 2012.

DAMASCENO, D.D. et al. Automedicação entre graduandos de enfermagem, farmácia e odontologia da Universidade Federal de Alfenas, REME – Revista Mineira de Enfermagem; v.11, n.1, p. 48-52, jan/mar 2007.

FEBRAFARMA. Federação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas. Brasília. 2008. Disponível em: < <http://www.febrafarma.org.br> >. Acessado em 19 de maio de 2009.

GALATO, D.; GALAFASSI, L.M.; ALANO, G.M.; TRAUTHMAN, S.C. Responsible self-medication: review of the process of pharmaceutical attendance. *Braz. J. Pharm. Sci.* [online]., v.45, n.4, p. 625-633. 2009.

KERR-CORRÊA, F. et.al. Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da UNESP. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 21, n. 2, p. 95–100. 1999.

LOYOLA FILHO, A. I. de et al . Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Revista de Saúde Pública* , São Paulo, v. 36, n. 1, fev 2002 .

MUSSOLIN, N. M. A automedicação: um estudo entre universitários de enfermagem e de relações públicas. Dissertação (Mestrado em Saúde), 2004. 27p. Secretaria de Saúde. Coordenação dos Institutos de Pesquisa. Programa de Pós Graduação São Paulo, 27p.

OLIVEIRA, R. R. de.; SOUSA, A. V. de. A ocorrência da automedicação nos moradores assistidos pela unidade de saúde Waldir Lins no município de Gurupi – TO. 2007. 32 f. Monografia (Graduação em enfermagem), Centro Universitário UnirG, Gurupi, 2007.

PAREDES, N.P.; MIASSO, A.I.; TIRAPELLI, C.R. Consumption of benzodiazepines without prescription among first-year nursing students at the University of Guayaquil, school of nursing, Ecuador. *Revista Latino-America de Enfermagem* [online]., v.16, n.spe, p. 634-639, 2008.

PAULO, L.G.; ZANINE A. C. Automedicação no Brasil. Revista da Associação Médica Brasileira, v. 34, p.69-75, 1988.

PINTO, F. C. et al. A Automedicação Praticada por Acadêmicos do Curso de Graduação em Enfermagem. 2008. 60 f. Monografia (Graduação em enfermagem). Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, Bom Despacho, 2008.

PINTO, M.C.X.; FERRE, F.; PINHEIRO, M.L.P. Potentially inappropriate medication use in a city of Southeast Brazil. Braz. J. Pharm. Sci. [online], v.48, n.1, p. 79-86. 2012.

RIBEIRO, M. I. et al. Prevalência da automedicação na população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança. Revista Portuguesa de Saúde Pública [online], v.28, n.1, p. 41-48, 2010.

SOUZA, L.A.F. et al. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online], v.19, n.2, p. 245-251, 2011.

RECEBIDO EM: 14-04-2015

APROVADO EM: 04-08-2015